

QUEM
É
JESUS?

R.C. SPROUL

QUESTÕES
CRUCIAIS

Nº. | 1



QUEM
É
JESUS?



QUESTÕES
CRUCIAIS

Nº. | 4

QUEM É JESUS?

R. C. SPROUL


EDITORA FIEL

Quem é Jesus?

Traduzido do original em inglês

Who is Jesus?, por R. C. Sproul

Copyright © 1983, 1999, 2009 by R. C. Sproul



Publicado por Reformation Trust Publishing

a division of Ligonier Ministries

400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

Copyright©2011 Editora FIEL.

1ª Edição em Português 2012



Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.



Presidente: James Richard Denham III.

Presidente emérito: James Richard Denham Jr.

Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Francisco Wellington Ferreira

Revisão: Laíse Helena Oliveira

Diagramação: Rubner Duraís

Capa: Gearbox Studios

ISBN: 978-85-8132-020-5



Caixa Postal 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

Sumário

UM – POR FAVOR, O JESUS REAL PODERIA LEVANTAR-SE?	7
Dois – Os TÍTULOS DE JESUS	25
Três – A VIDA DE JESUS	65



POR FAVOR, O JESUS REAL PODERIA LEVANTAR-SE?

Há muitos retratos de Jesus nas galerias de artes deste mundo. Estes retratos são frequentemente tão conflitantes que oferecem pouca ajuda em se obter uma imagem exata de como era Jesus durante o período de sua encarnação. Esta multiplicidade de retratos corresponde à confusão ampla que existe no mundo atual sobre a identidade de Jesus.

Precisamos de Cristo – o Cristo *real*. Um Cristo gerado de especulação vazia ou criado para se encaixar no padrão dos filósofos não serve. Um Cristo reciclado, um

Cristo de comprometimento não pode redimir ninguém. Um Cristo diluído, de glória aviltada, despojado de poder, reduzido a um símbolo ou tornado incapaz pela habilidade de eruditos não é Cristo, e sim Anticristo.

O prefixo *anti* pode significar “contra” ou “em lugar de”. Na linguagem, há uma pequena diferença entre essas palavras, mas, o sentido que ambas transmitem, é uma distinção sem diferença, porque suplantar o Jesus real por um substituto é agir contra Cristo. Mudar ou distorcer o Cristo real é opor-se a ele com um falso Cristo.

Nenhuma pessoa da história tem provocado tanto estudo, crítica, preconceito ou devoção como Jesus de Nazaré. A poderosa influência deste homem torna-o um alvo primordial para as flechas do criticismo e um excelente objeto de revisão, de acordo com o preconceito do intérprete.

Portanto, o retrato do Jesus histórico tem sido alterado para satisfazer as imaginações daqueles que buscam colocá-Lo ao lado deles, buscam torná-Lo um aliado nas inúmeras causas em que militam, muitas das quais são mutuamente exclusivas. No laboratório dos teólogos, Jesus é tratado como um camaleão. Ele é forçado a se adaptar ao pano de fundo pintado pelo teólogo.

Rigorosas tentativas acadêmicas têm sido feitas para se retornar ao retrato que o Novo Testamento apresenta

de Jesus, para descobrir o Jesus histórico “real”. Estas tentativas de adentrar à história, de espiar atrás do véu do suposto testemunho primitivo dos apóstolos, nos têm ensinado muito sobre o preconceito dos eruditos, mas têm acrescentado pouco ou nada ao nosso entendimento do Jesus real. O que os eruditos descobriram atrás do véu foi um Jesus criado à imagem deles mesmos, de acordo com seus próprios preconceitos. Os liberais do século XIX acharam um Jesus “liberal”; os existencialistas acharam um herói existencial; e os marxistas descobriram um revolucionário político. Os idealistas acharam um Jesus idealista, e os pragmáticos descobriram um Cristo pragmático. Investigar atrás ou além do Novo Testamento é procurar uma agulha num palheiro com velas de orgulho e preconceito.

Há, também, o Jesus “de tesoura e cola”. Ele é moldado por aqueles que buscam na Bíblia um núcleo autêntico de tradições sobre Cristo. As coisas que eles veem como extras desnecessárias, os acréscimos de mito e lenda, são cortadas pela tesoura para expor o Jesus real. Parece bastante científico, mas tudo é feito com espelhos. A arte do mágico nos deixa com o retrato de Rudolf Bultmann ou de John A. T. Robinson; e, de novo, o Jesus real é obscurecido. Por preservar uma quantidade mínima de

informação do Novo Testamento, achamos que evitamos a subjetividade. No entanto, o resultado é o mesmo – um Jesus moldado pelas tendências do erudito que usa a tesoura e fica com as mãos sujas de cola.

Conta-se a história de um errante que bateu à porta de um agricultor e pediu, educadamente, um emprego como “faz-tudo”. O agricultor o colocou para trabalhar em base de prova, para avaliar a sua habilidade. A primeira tarefa era cortar lenha para a lareira, o que o estranho terminou em tempo recorde. A tarefa seguinte era arar o campo, o que ele fez em poucas horas. O agricultor ficou alegremente admirado: parecia que encontrara um Hércules moderno. A terceira tarefa era menos laboriosa. Ele levou ao celeiro o homem contratado, mostrou-lhe um monte de batatas e o instruiu a separar as batatas em duas vasilhas: as batatas de primeira qualidade deveriam ser colocadas em uma vasilha; e as inferiores, em outra. O agricultor ficou curioso quando seu trabalhador miraculoso deixou de trazer o relatório tão rápido quanto o fizera nas outras tarefas. Depois de várias horas, o agricultor foi ao celeiro para investigar. Não havia nenhuma mudança perceptível no monte de batatas. Uma vasilha continha apenas três batatas, e a outra, tinha apenas duas. “Qual é o problema?”, perguntou o agricultor. “Por que você está indo tão

devagar?” Uma expressão de derrota estava estampada na face do homem contratado, quando ele desistiu e respondeu: “Há decisões na vida que são difíceis”. O método de tesoura e cola sofre do problema de determinar de antemão o que é autêntico e o que é mito no retrato bíblico de Jesus. O que Bultmann descarta no cesto de lixo, outro erudito o colocou no cesto de fatos essenciais. O que Bultmann considera principal, outro o rejeita como inferior.

A EVIDÊNCIA É CONVINCENTE

O problema é simples. Não está no relato “inferior” dos autores do Novo Testamento ou nos “rústicos” documentos históricos que chamamos de Novo Testamento. Foi Emil Brunner, o teólogo suíço, que denunciou o liberalismo do século XIX. O veredito de Brunner era tanto simples como provocador. O problema, disse ele, é incredulidade.

Brunner não estava falando sobre a incredulidade baseada em evidência insuficiente. Rejeitar uma crença porque as evidências não apoiam as suas asseverações é uma reação sábia e honrável. De modo semelhante, crer diante de uma evidência frágil é credulidade, a marca do tolo, e não honra a Deus.

No entanto, a evidência sobre Jesus é convincente. Portanto, rejeitar crer nele é cometer um ato imoral. A incredulidade é julgada por Jesus não como um erro intelectual, e sim como um ato hostil de preconceito contra o próprio Deus. Esse tipo de incredulidade é destrutivo para a Igreja e para o povo de Deus.

Como esta incredulidade tão evidente pôde não somente atacar as Igrejas cristãs, mas também, em diversos casos, conquistar seminários e denominações inteiras? Por que as pessoas que rejeitam totalmente o retrato de Jesus apresentado no Novo Testamento simplesmente não abandonam por completo o cristianismo e deixam a Igreja para mortais menos instruídos que precisam de um Jesus imaginário como uma muleta religiosa?

O século XIX trouxe uma crise intelectual e moral para a Igreja – o surgimento da teologia liberal que rejeita categoricamente a essência sobrenatural do Novo Testamento. Essa crise, por fim, se impôs sobre questões práticas. Se os líderes de uma Igreja ou o corpo docente de um seminário despertam em certa manhã e descobrem que não creem mais no que a Bíblia ensina, quais são as opções deles?

A opção mais óbvia (e a primeira expressa por homens honráveis) é que eles declarariam a sua incredulidade.

lidade e deixariam educadamente a Igreja. Entretanto, se controlam as estruturas de poder da Igreja, eles têm questões práticas a considerar. Por vocação e treinamento, seu trabalho está vinculado à igreja. A Igreja representa um investimento financeiro de bilhões de dólares, uma instituição cultural estabelecida com milhões de membros ativos e um veículo eficiente para reforma social. Estes fatores fazem com que o declarar incredulidade ao mundo e o fechar as portas a Igreja se tornem menos atraentes. A atitude de menor resistência é *redefinir* o cristianismo.

Redefinir o cristianismo não é uma tarefa fácil. O cristianismo tem sido definido por dois fatores importantes: (1) a existência de um conjunto de literatura que inclui fontes primárias sobre o fundador e mestre da fé cristã, Jesus de Nazaré; (2) a existência de dois mil anos de tradição eclesiástica, que inclui pontos de discordâncias sobre assuntos específicos de debate entre as denominações, mas que revela uma admirável unidade de confissão sobre as doutrinas essenciais do cristianismo.

Redefinir o cristianismo exige que a pessoa neutralize a autoridade da Bíblia e relativize a autoridade dos credos. A luta da Igreja nos últimos 150 anos tem sido

precisamente nestes dois pontos. Não é por acaso que o cerne do tumulto da controvérsia está nos seminários; e a Igreja de nossos dias tem se focalizado em questões concernentes à Bíblia e aos credos. Por quê? Não apenas por causa de palavras no papel, mas também por causa de Cristo. Para redefinir o cristianismo, a pessoa tem que banir o Cristo da Bíblia e o Cristo dos credos.

A Igreja é chamada “o corpo de Cristo”. Alguns se referem a isso como “a encarnação contínua”. A Igreja existe, certamente, para incorporar e levar avante a missão de Cristo. Por essa razão, a Igreja é inconcebível sem Cristo. Todavia, a Igreja não é Cristo. Ela é fundada por Cristo, formada por Cristo, comissionada por Cristo e capacitada por Cristo. A Igreja é governada por Cristo, santificada por Cristo e protegida por Cristo, mas não é Cristo. A Igreja pode pregar salvação e edificar os salvos, mas não pode salvar. A Igreja pode pregar, exortar, repreender e admoestar contra o pecado; ela pode proclamar o perdão do pecado e dar uma definição teológica para o pecado, mas não pode expiar o pecado.

Cipriano declarou: “Aquele que não tem a igreja como sua mãe não pode ter a Deus como seu Pai”. Precisamos da Igreja tão urgentemente como um bebê faminto precisa do leite de sua mãe. Não podemos crescer,

nem ser nutridos sem a Igreja. Possuir a Cristo e desprezar a Igreja é uma contradição intolerável. Não podemos ter a Cristo sem adotarmos a Igreja. No entanto, é possível ter a Igreja sem receber a Cristo. Agostinho descreveu a Igreja como um *corpus permixtum*, um “corpo misto” de joio e trigo, de crentes e incrédulos que existem lado a lado. Isso significa que a incredulidade pode ter acesso à Igreja. Contudo, a incredulidade nunca tem acesso a Cristo.

Se somos redimidos, o Cristo em que cremos, o Cristo em que confiamos, tem de ser verdadeiro. Um Cristo falso ou um Cristo substituto não pode redimir. Se acharmos improvável que o Cristo bíblico possa redimir, é ainda menos provável que o Cristo especulativo da invenção humana possa fazê-lo. Sem a Bíblia, nada podemos saber sobre o Jesus real. Em última análise, nossa fé está em pé ou cai com o Jesus bíblico. Deixe, então, de lado as teorias de inspiração da Bíblia - fazendo isso por sua conta e risco - porém, mesmo “sem” a inspiração, o Novo Testamento é “*as fontes primárias*” – os documentos mais antigos daqueles que conheceram a Jesus, o relato daqueles que aprenderam dele e foram testemunhas oculares de seu ministério. Eles são as fontes históricas mais objetivas que possuímos.

HOMENS QUE ESCREVERAM COM UM PROPÓSITO PREMEDITADO

Alguns opositores nesse ponto, chamam atenção ao fato óbvio de que o retrato de Jesus apresentado no Novo Testamento chega até nós pelas penas de homens tendenciosos que tinham um propósito premeditado. Os evangelhos não são história, dizem eles, mas história redentora, com ênfase nos esforços de persuadir homens a seguir a Jesus. Bem, certamente os escritores tinham um propósito premeditado, mas não era um propósito *secreto*. O apóstolo disse com franqueza: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (João 20:31).

O fato de que os escritores bíblicos eram crentes e zelosos em persuadir os outros demonstra que eram verdadeiros. Se eles fossem incrédulos, enquanto exortavam os outros a crer, seriam culpados de duplicidade. É claro que os homens podem se enganar quanto ao que proclamam, mas o fato de que eles criam em sua própria mensagem, até à morte, deve fortalecer, e não enfraquecer, a sua credibilidade.

O relato dos escritores bíblicos foi realmente um relato de história redentora. Era *redentor* porque eles não

escreviam do ponto de vista de historiadores neutros e desinteressados. Era *história* porque eles insistiam em que o seu testemunho era verdadeiro.

Nesta altura, surge uma questão prática dos céti-
cos modernos e obstinados, que procuram desacreditar o
Cristo bíblico, ao expor o Cristo dos apóstolos como uma
ilusão. Eles argumentam que, se os discípulos mais ínti-
mos de Jesus foram tendenciosos (porque eram crentes),
a erudição laboriosa para descobrir o Jesus “real” não faz
sentido. Se tudo que sabemos de Jesus aprendemos do
testemunho dos apóstolos – se eles são a “tela” por meio
da qual devemos ver a Jesus – nossos esforços são inúteis.

A resposta é que o Jesus histórico não viveu em um
vácuo. Ele é conhecido, pelo menos em parte, pela manei-
ra como transformou aqueles que estavam ao seu redor.

Quero conhecer o Jesus que mudou Mateus, trans-
formou Pedro e converteu Saulo de Tarso na estrada de
Damasco. Se estas primeiras testemunhas não podem me
levar ao Jesus “real”, quem pode? Se não é por meio de
amigos e pessoas amadas, como alguém pode ser conhe-
cido?

Se os apóstolos não podem me levar a Jesus, minhas
únicas opções são: escalar a fortaleza do céu por subjeti-
vismo místico; adotar as mais velhas de todas as heresias,

o gnosticismo; ou armar a minha tenda no acampamento dos céticos que excluem a Jesus do campo da verdade significativa. Deem-me o Cristo bíblico ou deem-me nada. E façam isso logo, por favor, porque as opções nada me dão, exceto a frustração de investigação inútil.

Jesus disse: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Que daria um homem em troca de sua alma?” (Marcos 8:36-37). Jesus colocou um preço elevado na alma do homem. Sou grato por isso. Gosto de pensar que minha alma tem valor e odiaria desperdiçá-la com um Cristo vazio, um Cristo de especulação subjetiva. Contudo, isto é o que fazemos quando nos comprometemos com qualquer coisa menos do que o Cristo real. Estamos brincando com almas de homens, almas pelas quais Cristo entregou Sua vida para redimir.

UM QUADRO VERDADEIRO DE JESUS

Há métodos diferentes que poderíamos usar para chegar ao nosso quadro verdadeiro de Jesus. Poderíamos examinar os credos clássicos da Igreja e obter discernimento valioso sobre a sabedoria coletiva das eras. Poderíamos restringir nosso estudo à teologia contemporânea em uma tentativa de estudar Jesus à luz de nossa própria cultura.

Ou poderíamos tentar nossa sorte em nossa própria criatividade e produzir outra opinião especulativa.

Minha escolha é olharmos para Jesus como ele é apresentado no Novo Testamento. Mesmo quem rejeita o caráter revelador da Bíblia e sua inspiração divina, tem de encarar um fato inegável: quase tudo que sabemos a respeito de Jesus está registrado nas Escrituras. Os escritores do Novo Testamento são as fontes primárias de nosso conhecimento sobre Jesus. Se estas fontes são ignoradas ou rejeitadas, ficamos à mercê de especulação, somente especulação.

Ecoamos o clamor de Erasmo, “*Ad fontes!*” (“Às fontes!”), à medida que focalizamos nossa atenção no Novo Testamento. Não importa quais vantagens possamos ter de dois mil anos de reflexão teológica, esses anos nos afastam da reação imaculada dos contemporâneos de Jesus que o conheceram, andaram com ele, observaram-No em ação e interpretaram-No a partir da perspectiva das Escrituras do Antigo Testamento. Os escritores bíblicos são as fontes primárias; e o retrato que eles fizeram de Jesus tem de assumir a prioridade em qualquer estudo sério sobre ele. Fora dos escritores do Novo Testamento, não há mais do que três parágrafos de literatura escritos no primeiro século sobre a pessoa e a obra de Jesus.

Quando nos voltamos às fontes bíblicas, reconhecemos que qualquer tentativa de entender a Jesus tem de levar em conta os perigos impostos por nossa própria mente. Embora o Novo Testamento não seja um produto do século XXI, aqueles de nós que o leem hoje o são. Desde pequenos, cada um de nós tem sido exposto à alguma ideia sobre Jesus, ainda que não seja de nenhuma outra fonte, senão daquelas exposições simples que vemos nos presépios de Natal durante os feriados desta época. Embora não tenhamos um conhecimento exaustivo do Jesus bíblico, também não somos ignorantes a respeito dele. Toda literatura americana tem alguma informação sobre Jesus e alguma opinião sobre ele. Nossas opiniões podem ou não estar em harmonia com o retrato bíblico, mas trazemos ao texto aquelas suposições e, às vezes, criamos uma atitude de preconceito que torna difícil ouvirmos o que os contemporâneos de Jesus estavam dizendo.

Também precisamos estar cientes de que Jesus não é uma mera figura de interesse histórico que podemos estudar insensivelmente. Estamos cientes das afirmações de que Jesus é o Filho de Deus, o Salvador do mundo. Compreendemos que temos de fazer uma decisão sobre ele, a favor ou contra. Também estamos cientes de que muitos creem que essa decisão determina o destino eterno da pessoa. Senti-

mos que há muita coisa em jogo em nosso entendimento de Jesus e, por isso, temos de lidar com a questão não com indiferença, e sim com o entendimento de quem é Jesus. É uma questão de importância crucial para cada um de nós. Se Jesus traz ou não à minha vida uma reivindicação absoluta, isso é algo que eu não posso ignorar inteligentemente.

Os escritores do Novo Testamento nos dão um relato de testemunhas oculares de Jesus de Nazaré. Lucas começa o seu evangelho com as seguintes palavras:

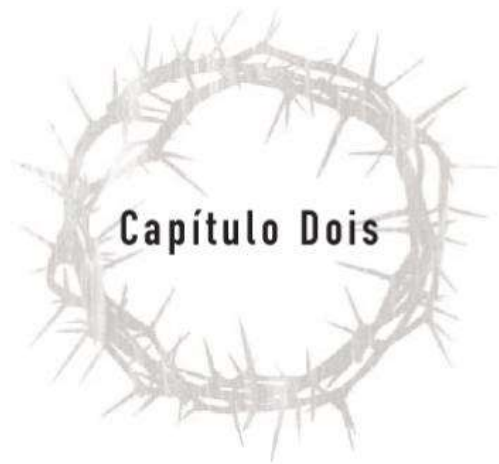
Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído. (Lucas 1:1-4)

Pedro acrescenta a seguinte afirmação:

Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosa-

mente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade. (2 Pedro 1:16)

Os relatos bíblicos afirmam ser narrativas em primeira mão acerca do ministério de Jesus Cristo. Tais registros nos foram dados por homens que possuíam consciência própria e eram francamente comprometidos em seguir a Jesus. Devemos, então, considerar o testemunho daqueles que o conheciam, amavam-no e deram sua vida por ele.



OS TÍTULOS DE JESUS

Há alguns anos, um célebre professor de Novo Testamento foi convidado a palestrar numa convocação acadêmica em um grande seminário. Uma convocação em um seminário ou uma universidade é geralmente acompanhada de pompa e cerimônia. Os membros do corpo docente estão adornados com as togas e os emblemas acadêmicos, enquanto marcham em procissão para a frente do auditório; e espera-se que o palestrante convidado traga um discurso de conteúdo erudito e importante. Assim, na ocasião, quando o professor de Novo Testa-

mento entrou no salão, houve um silêncio de expectativa, enquanto os alunos e o corpo docente esperavam com ansiedade por seus comentários. Sendo o palestrante um perito no campo da cristologia, esperava-se que ele apresentasse um discurso que revelasse suas mais recentes descobertas naquele campo.

No entanto, ele se levantou na tribuna e começou a recitar uma litania dos títulos de Jesus extraídos das Escrituras. A litania prosseguiu por vários minutos, enquanto todo o impacto dos títulos de Jesus, apresentados sem comentários, era sentido pelo auditório. O palestrante se levantou e disse de modo simples, com pausas entre os títulos: “Cristo... Senhor... Rabi... Filho do Homem... Filho de Deus... Filho de Davi... Leão de Judá... a Rosa de Sarom... a brilhante Estrela da Manhã... o Alfa e o Ômega... o Logos... o Advogado... o Príncipe da Paz... o Filho unigênito do Pai... o Cordeiro sem mancha...” E assim foi até que o homem recitou todos os títulos que os escritores bíblicos deram a Jesus.

Os títulos revelam algo sobre a identidade de Jesus e nos dão uma sugestão quanto ao significado de Suas ações. Na teologia, costuma-se distinguir entre a pessoa de Cristo e a obra de Cristo. A distinção é importante, mas não deve, jamais, envolver separação. Jesus é conhe-

cido, em parte, pelo que ele fez. Por outro lado, a importância do que ele fez é condicionada a quem ele é. Embora possamos distinguir entre Sua pessoa e Sua obra, nunca devemos isolar uma da outra. Quando consideramos os títulos atribuídos a Jesus no Novo Testamento, percebemos uma interação entre pessoa e obra.

O espaço não permite que façamos uma análise de todos os títulos atribuídos a Jesus na Bíblia. Entretanto, examinaremos brevemente aqueles que, em geral, são considerados os seus principais títulos.

O CRISTO, O MESSIAS

O título Cristo é frequentemente muito usado em conjunção com o nome de Jesus, tornando quase o seu nome. Uma pessoa não se refere normalmente a Jesus como “Jesus filho de José” ou mesmo como “Jesus de Nazaré”. Antes, considera-se “Jesus Cristo” o nome completo de Jesus. Visto que a palavra Cristo é entendida como um nome, podemos perder o seu significado total. Em verdade, Jesus é um nome, mas Cristo é um título. Este é usado no Novo Testamento mais frequentemente do que qualquer outro título dado a Jesus.

Cristo vem da palavra grega *christos*, que significa “ungido”. Corresponde à palavra hebraica traduzida por “messias”. Quando Jesus é chamado “Cristo”, ele está sendo chamado “o Messias”. Se tivéssemos de traduzir o nome e o título diretamente para o português, diríamos “Jesus Messias”. Com este título, estamos fazendo uma confissão de fé de que Jesus é o ungido esperado durante muito tempo por Israel, o Salvador que redimiria o seu povo.

No Antigo Testamento, o conceito de Messias se desenvolveu em um período de muitos anos, à medida que Deus revelava, de modo progressivo, o caráter e o papel do Messias. A palavra *messias* significava inicialmente “um ungido de Deus para uma tarefa específica”. Qualquer pessoa que fosse ungida para realizar um serviço para Deus, como um profeta, um sacerdote ou um rei, poderia ser chamada “messias” no sentido mais amplo. Devagar, por meio das declarações proféticas do Antigo Testamento, desenvolveu-se um conceito do Messias, aquele que seria o ungido unicamente de Deus para cumprir uma tarefa divina. Quando os escritores do Novo Testamento atribuíram a Jesus o cumprimento daquelas profecias, eles fizeram uma afirmação de tremenda importância. Estavam dizendo que Jesus era aquele que “estava por vir”.

Ele cumpriu todas as promessas de Deus que convergiam na pessoa do Messias.

No Antigo Testamento, o conceito do Messias não é um conceito simples; tem nuances. Há diferentes linhas de expectativa messiânica entretecidas no conteúdo desses livros antigos. À primeira vista, algumas dessas linhas parecem contraditórias. Uma das principais linhas de expectativa messiânica é a ideia de que um rei como Davi restauraria a monarquia de Israel. Há uma nota de triunfo na expectativa de um Messias que reinaria sobre Israel e colocaria todos os inimigos debaixo de seus pés. Essa era a vertente de expectativa messiânica mais popular no tempo em que Jesus apareceu no cenário da história. Israel sofria desde a sua conquista pelos romanos e se indignava sob a opressão deste jugo estrangeiro. Grande número de pessoas anelavam pelo cumprimento total das profecias sobre a vinda do Messias que venceria o domínio romano e restauraria a independência a Israel.

Outro aspecto do conceito do Messias era o do Servo Sofredor de Israel, aquele que levaria os pecados do povo. Esta noção se acha mais claramente nas Canções do servo, do profeta Isaías. E o principal texto que os escritores do Novo Testamento usam para entender a ignomínia da morte de Jesus é Isaías 53. A figura de um

servo desprezado e rejeitado está em contraste total com o conceito de rei.

Uma terceira linha de expectativa messiânica se acha na chamada literatura apocalíptica do Antigo Testamento, os escritos altamente simbólicos de homens como Daniel e Ezequiel. Nesses escritos, o Messias, o Filho do Homem, é visto como um ser celestial que desce à terra para julgar o mundo. É difícil imaginar como um homem poderia ser, ao mesmo tempo, um ser celestial e um rei terreno, um juiz universal e um servo humilhado. Contudo, estas são as três principais vertentes de esperança messiânica que estavam bem vivas no tempo da entrada de Jesus no mundo. Nas seções seguintes, quero considerar mais atentamente estas linhas de expectativa.

O FILHO DE DAVI

O reino de Davi, no Antigo Testamento, foi a era dourada de Israel. Davi se distinguiu como herói militar e como monarca. Suas façanhas militares ampliaram as fronteiras da nação; Israel emergiu como um dos principais poderes do mundo e desfrutou de grande força militar e de prosperidade durante o reinado de Davi. Mas a era dourada começou a perder seu brilho no programa

de construções de Salomão e enferrujou-se quando a nação se dividiu sob a influência de Roboão e Jeroboão. A memória dos grandes dias, porém, permanecia na história do povo. A nostalgia atingiu o ápice sob a opressão do Império Romano quando o povo da terra olhava para Deus à espera de um novo Davi que restauraria a glória anterior de Israel.

A expectativa que cercava a esperança de um Messias político não nascera apenas de nostalgia, mas tinha suas raízes nas profecias do Antigo Testamento que davam consistência a esse sonho. Os Salmos declaravam que alguém semelhante a Davi seria ungido como rei por Deus mesmo. Salmos 132:11 dizem: “O SENHOR jurou a Davi com firme juramento e dele não se apartará: Um rebento da tua carne farei subir para o teu trono”. Salmos 89 declaram: “Farei durar para sempre a sua descendência; e, o seu trono, como os dias do céu... Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que os meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade (e serei eu falso a Davi?): A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono, como o sol perante mim” (vv. 29, 34-36).

Não somente nos Salmos, mas também nos Profetas, lemos sobre as esperanças futuras a respeito de alguém que seria como Davi. Amós, por exemplo, pro-

clamou: “Naquele dia, levantarei o tabernáculo caído de Davi” (9:11).

Estas esperanças nacionais experimentaram épocas de fervor e de dormência em Israel, dependendo frequentemente do grau de liberdade política que a nação desfrutava. Em tempos de crise e opressão, as chamadas de esperança e expectativa eram reacesas no coração das pessoas, enquanto elas anelavam pela restauração do tabernáculo caído de Davi.

Com a vinda de Jesus, a noção de cumprimento da promessa do Messias real da linhagem de Davi foi despertada novamente. Os autores do Novo Testamento não consideraram uma coincidência o fato de que Jesus veio da tribo de Judá, a quem Deus prometera o cetro real. Era da tribo de Judá, da tribo de Davi, que viria Um que traria o novo reino a Israel. Os escritores do Novo Testamento viram, com clareza, na pessoa de Jesus o cumprimento da esperança do Antigo Testamento quanto a um Messias real. Isso é visto no lugar de central importância que o Novo Testamento dá à ascensão de Jesus. Jesus é considerado o Filho de Davi que anuncia e inaugura o reino de Deus.

Houve ocasiões no ministério de Jesus em que ele teve de fugir das multidões que procuraram fazê-Lo rei

porque Suas opiniões sobre o reino eram muito singular. Eles pensavam num reino que seria inaugurado sem o preço de sofrimento e morte. As multidões tiveram pouco tempo com um rei que estava para sofrer. Jesus teve de evitar as multidões repetidas vezes e advertiu seus discípulos quanto a declararem abertamente que ele era o Messias. Em nenhum momento ele negou que era o Cristo. Quando os discípulos declararam ousadamente sua confiança no messiado de Jesus, ele aceitou a designação com Sua bênção.

O momento mais incisivo de revelação messiânica aconteceu em Cesareia de Filipe, quando Jesus perguntou aos seus discípulos: “Quem dizem as multidões que sou eu?” (Lucas 9:18). Os discípulos falaram a Jesus os boatos das multidões: “Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas”. Por fim, Jesus fez a pergunta ao grupo mais íntimo de seus discípulos: “Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?” Pedro respondeu com fervor: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16:14-16). A resposta à confissão de Pedro é fundamental ao entendimento do Novo Testamento quanto à identidade de Cristo. Jesus respondeu: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que

está nos céus” (v. 17). Jesus pronunciou Sua bênção sobre aquele a quem Deus revelara a Sua verdadeira identidade. Jesus reconheceu que o reconhecimento de Pedro quanto à Sua identidade era correto. Não fora obtido de um exame das manifestações externas; antes, Pedro reconheceu a Jesus porque as escamas haviam sido removidas de seus olhos pela revelação da parte de Deus, o Pai.

Em outra ocasião, João Batista saudou Jesus como o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29). Mas, quando João foi detido e lançado no cárcere, sua fé começou a hesitar, e ele enviou mensageiros a Jesus para fazer-lhe uma pergunta apropriada: “És tu aquele que estava para vir ou esperamos outro?” Jesus respondeu aos mensageiros, dizendo: “Ide e anunciai a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres, anuncia-se-lhes o evangelho” (Lucas 7:20-22). Essas palavras não foram escolhidas à toa. Jesus estava chamando a atenção para a profecia de Isaías 61, o texto que ele lera no dia em que entrara na sinagoga de Nazaré – “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração

da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:18-19). Depois de acabar de ler o rolo, Jesus disse: “Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir” (v. 21). Em essência, a resposta de Jesus à mensagem de João Batista foi isto: “Digam a João que leia as profecias de Isaías, e assim ele saberá a resposta para sua pergunta”.

O SERVO SOFREDOR DE ISRAEL

A figura do servo do Senhor ou o “Servo Sofredor”, referida pelo profeta Isaías, é normativa para o entendimento do Novo Testamento quanto à pessoa de Jesus. Há debates sobre a identidade do autor de Isaías e a identidade do servo que o autor tinha em mente. Alguns argumentam que o servo se referia a Israel coletivamente, enquanto outros aplicam o papel a Ciro e alguns, ao próprio Isaías. Este debate continuará. Todavia, o fato de que os autores do Novo Testamento acharam em Jesus o cumprimento final desta figura é indisputável.

Também é claro que Jesus pensava em seu próprio ministério em termos da profecia de Isaías, como vemos de Suas afirmações na sinagoga de Nazaré e de Sua resposta à pergunta de João Batista.

Não é por acaso que Isaías é o profeta mais citado no Novo Testamento. As profecias de Isaías, citadas no Novo Testamento, não são limitadas ao sofrimento de Jesus, mas também se referem a todo o ministério de Jesus. No entanto, foi a morte de Cristo que chamou a atenção dos autores do Novo Testamento às profecias de Isaías concernentes ao servo. Vejamos Isaías 53:

Quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do SENHOR? Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha aparência nem formosura; olhamo-lo, mas nenhuma beleza havia que nos agradasse. Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso.

Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca.

Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos. Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito; o meu servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si. Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte, e com os poderosos repartirá ele o despojo, porquanto derramou a sua alma na morte; foi contado com os transgressores; contudo, levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.

O estudo frequente de Isaías 53 aumenta, ao invés de diminuir, nossa admiração de seu conteúdo. Parece

um relato da paixão de Jesus feito por uma testemunha ocular. Aqui, os princípios de solidariedade coletiva e de imputação do pecado são demonstrados claramente. A ignomínia de Jesus se acha na centralidade de seus sofrimentos como o meio de redenção. O Messias vem não somente como Rei, mas também como um servo que recebe a punição pela iniquidade do povo. Ele morre em favor de muitos. Qualquer interpretação da vida e da obra de Jesus que não leva a sério este aspecto faz violência radical ao texto do Novo Testamento.

O fato de que os conceitos de Rei de Israel e de Servo Sofredor fundiram-se em um homem é visto dramaticamente na visão celestial que se descortinou diante do apóstolo João na ilha de Patmos. Em uma parte da visão, João teve um vislumbre do que havia no céu. Ele ouviu o clamor de um anjo: “Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?” (Apocalipse 5:2). João relata com emoção solene que não se achou ninguém digno de abrir o livro. Seu desapontamento deu lugar à tristeza: “E eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele” (5:4). Nessa altura, um ancião o consolou, dizendo: “Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos” (5:5). Houve uma mudança

abrupta e notável no teor da narrativa, quando um senso de expectativa substituiu a atmosfera de desespero. João aguarda o aparecimento do Leão triunfante. A ironia se completa quando João vê não o Leão, e sim um Cordeiro que fora morto, mas que estava em pé no meio dos anciãos. João registra que o Cordeiro tomou o rolo da mão direita daquele que estava sentado no trono, e milhares de anjos cantavam: “Digno é o Cordeiro que foi morto de receber (...) honra, e glória, e louvor” (5:12). Aqui, o Leão e o Cordeiro são a única e mesma pessoa. O servo reina como Rei.

O FILHO DO HOMEM

No Concílio de Calcedônia, no século V, a Igreja cristã procurou achar uma fórmula que chamaria a atenção tanto para toda a humanidade de Jesus como para toda a sua divindade. As palavras que a Igreja estabeleceu no ano de 451 foram “*vere homo, vere Deus*”, a fórmula significava que Jesus era verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, chamando a atenção para as suas duas naturezas.

No Novo Testamento, lemos que Jesus é chamado tanto o Filho do Homem como o Filho de Deus. Estes dois títulos, aparecendo desta maneira, oferecem uma

forte tentação para supormos que “Filho de Deus” se refere exclusivamente à deidade de Jesus, enquanto “Filho do Homem” se refere exclusivamente à sua humanidade. Contudo, lidar com estes títulos desta maneira nos levaria a erros muito graves.

Ao examinarmos o título *Filho do Homem*, nos deparamos com algo estranho e fascinante. Este é o terceiro título usado mais frequentemente no Novo Testamento para designar Jesus. Ocorre 84 vezes; e 81 destas ocorrências estão nos quatro evangelhos. Em quase todos os textos em que achamos o título, ele é usado por Jesus para descrever a si mesmo. Portanto, embora ele seja o terceiro em ordem de frequência dos títulos que descrevem a Jesus no Novo Testamento, ele é o número um no que diz respeito à autodesignação de Jesus. Obviamente, este era o título favorito dele. Isto é evidência da integridade dos escritores bíblicos em preservar um título para Jesus que eles mesmos escolherem tão raramente. Eles devem ter sido tentados a colocar seus próprios títulos favoritos nos lábios de Jesus. É comum em nossos dias a argumentação de que o retrato bíblico de Jesus é apenas uma criação da Igreja primitiva, e não um reflexo exato do Jesus histórico. Se isto fosse verdade, seria extremamente improvável que a Igreja primitiva

colocaria nos lábios de Jesus um título que eles mesmos quase nunca usavam para descrevê-Lo.

Por que Jesus usou o título *Filho do Homem*? Alguns supõem que foi por humildade que Jesus descartou títulos mais elevados e escolheu este como um meio humilde de se identificar com a pobre humanidade. Certamente, no título há um elemento dessa identificação, mas este título aparece também no Antigo Testamento, e sua função ali é expressar outra coisa, mas não humildade. Referências à figura do Filho do Homem se acham em Daniel, Ezequiel e alguns escritos extrabíblicos do judaísmo rabínico. Embora os eruditos discordem, o consenso histórico é que Jesus adotou o sentido da expressão *Filho do Homem* conforme ele se acha na obra visionária de Daniel.

No livro de Daniel, o Filho do Homem aparece em uma visão do céu. Ele é apresentado diante do trono do “Ancião de Dias” e recebe “domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas” o sirvam; “o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído” (Daniel 7:14). Nesta passagem, o Filho do Homem é um ser celestial, um personagem transcendente que desce à terra para exercer o papel de juiz supremo.

O testemunho do Novo Testamento quanto a pre-existência de Jesus está ligado inseparavelmente ao tema Filho do Homem. Ele é aquele que é enviado do Pai. O tema da *descida* de Cristo é a base de sua ascensão. “Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem” (João 3:13).

Não basta declarar que os escritores do Novo Testamento confessaram que Jesus era um ser celestial. Jesus não era apenas um ser celestial – os anjos são seres celestiais, mas não são como Jesus. Somente ele é descrito em uma linguagem restrita à Deidade.

É interessante comparar a descrição do Ancião de Dias, na visão de Daniel, com a descrição do Filho do Homem dada por João no livro de Apocalipse. Esta é a descrição do Ancião de Dias na visão de Daniel:

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. (Daniel 7:9-10)

Por comparação, esta é a descrição do Filho do Homem exaltado, na visão de João:

Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talaras e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força... Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. (Apocalipse 1:12-16; 5:11-12)

Não podemos negar que o Filho do Homem era uma pessoa de poder e esplendor. Sua divindade é vista não somente no retrato dado no Antigo Testamento, mas também no entendimento de Jesus. Ele ligou o Filho do Homem

com a criação, ao dizer: “O Filho do Homem é senhor também do sábado” (Marcos 2.28). Reivindicar o senhorio sobre o sábado é reivindicá-lo sobre a criação. O sábado era não somente uma peça da legislação do Sinai, mas também uma ordenança da criação dada pelo Senhor da Criação. Jesus também disse: “Para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados...” (Lucas 5:24). Nesta ocasião, Jesus reivindicou uma autoridade que, para os judeus, era uma prerrogativa somente de Deus. Os judeus não ignoraram a inferência dessas reivindicações. Eles procuraram matar Jesus precisamente porque as reivindicações de Jesus quanto à divindade eram fortes e claras. O Filho do Homem veio do céu para julgar o mundo. Ele separaria as ovelhas dos bodes. Viria em nuvens de glória no final dos tempos.

No entanto, o Filho do Homem que vem do céu não é exclusivamente divino; é alguém que entra em nossa humanidade por meio da encarnação. É provável que o conceito de Paulo sobre Jesus como o segundo Adão foi um desenvolvimento do tema Filho do Homem.

Além dos títulos que resultam destas linhas de expectativas – o Filho de Davi, o Servo Sofredor, o Filho do Homem – o Novo Testamento usar muitos outros títulos para designar Jesus. Consideremos agora alguns destes.

SÉRIE PERGUNTAS CRUCIAIS

POR R. C. Sproul

QUEM É JESUS?

POSSO CRER NA BÍBLIA?

A ORAÇÃO MUDA AS COISAS?

POSSO SABER A VONTADE DE DEUS?

COMO DEVO VIVER NESTE MUNDO?

SOBRE O AUTOR

O Dr. R. C. Sproul é fundador e presidente do *Ligonier Ministries*, um ministério multimídia internacional sediado em Lake Mary (Flórida). Ele também serve como pastor principal de pregação e ensino na igreja Saint Andrew, em Sanford (Flórida). Seus ensinamentos podem ser ouvidos diariamente no programa de rádio *Renewing Your Mind* (Renovando Sua Mente).

Durante a sua distinta carreira acadêmica, o Dr. Sproul ajudou a treinar homens para o ministério, como professor em vários seminários teológicos importantes.

Ele é o autor de mais de 60 livros, incluindo *The Holiness of God*, *Chosen by God*, *The Invisible Hand*, *Faith Alone*, *A Taste of Heaven*, *Truths We Confess*, *A Verdade da Cruz* (Fiel, 2011) e *The Prayer of the Lord*. Também serviu como editor geral da *The Reformation Study Bible* e já escreveu vários livros para crianças, incluindo *The Prince's Poison Cup*.

O Dr. Sproul e sua esposa, Vesta, residem em Longwood (Flórida).



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.editorafiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

UMA FRAUDE, UM LOUCO OU O PRÓPRIO DEUS ENCARNADO?

Nenhuma outra pessoa na história provocou tantas reações e afirmações divergentes do que Jesus de Nazaré. Alguns dizem que ele foi uma fraude, enquanto outros dizem que ele era alguém fora de si. Em muitos casos, a história de Jesus é alterada para adaptar-se ao esquema de pensamento daqueles que querem fazer dele um aliado de sua causa.

Todavia, o Dr. R. C. Sproul aponta neste livro, da série "Questões Cruciais", que há evidência convincente de que Jesus era algo mais – de que, verdadeiramente, ele é Deus encarnado. Fazendo uso habilidoso da Escritura e dos títulos que ela dá a Jesus, o Dr. Sproul desenvolve o retrato bíblico e fiel de Jesus, o Filho de Deus.



O Dr. R. C. Sproul nasceu em 1939, no estado da Pensilvânia. É ministro presbiteriano, pastor da Igreja *St. Andrews Chapel*, na Florida. Fundador e presidente do ministério Ligonier, professor e palestrante em seminários e conferências, autor de mais de sessenta livros, vários deles publicados em português e editor geral da *Reformation Study Bible*. Durante os seus mais de quarenta anos de ministério no ensino acadêmico e na igreja, o Dr. Sproul tem se dedicado a transmitir com clareza as verdades profundas e práticas da Palavra de Deus. É casado com Vesta Ann e o casal tem dois filhos, já adultos.


EDITORA FIEL



Categoria: Doutrina